



## **MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO: RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA ALDEIA DE FÚTILA E VILA DE BUCO ZAU-PROVINCIA DE CABINDA/ANGOLA**

Juliana Lando Canga

Professora Auxiliar, ISCED, Universidade 11 de Novembro

julicanga@yahoo.com

Alfredo Gabriel Buza

Professor Associado no ISCED, Universidade 11 de Novembro

buzaalfredo@yahoo.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

A abordagem das diferentes relações construídas será relacionada em função da presença de factores externos ligados à exploração dos recursos naturais, sendo esta abordagem vista sob ponto de vista das diferenças causadas pela interferência do uso privado de espaços comuns e de bens colectivos, pelas entidades exploradoras de madeira e petróleo, afectando de maneira intensa essas sociedades excluindo-as cada vez mais, e com uma produção sucessiva de injustiças diante das diferenças socioambientais.

Com as transformações sociais visíveis ocasionadas desde o colonialismo até a guerra civil, a insistência de interferências das exploradoras agrava a alteração não só do *modus vivendi* dessas sociedades, como alteram todo um ecossistema, no qual fazem parte da organização territorial, a morfologia, a paisagem, a ecologia, produzindo outras dinâmicas. Assim, um período de interferências, por exemplo, no caso do petróleo há de se considerar do momento em que se procede o trabalho de prospecção até a obtenção do produto final.

O apelo a modernidade e ao desenvolvimento de Angola, que é justificada pela exploração dos recursos naturais não tem atingido de forma efectiva as populações que ocupam esses territórios relegados a outros planos, embora o governo tenha implementado várias acções para efectivamente estancar as assimetrias regionais. Este fato deve-se gizar na existência de um modelo de desenvolvimento projectado no



elevado índice de crescimento económico, pouco sincronizado com o desenvolvimento humano. Para que haja sincronia entre o desenvolvimento económico e desenvolvimento humano se faz necessário estancar as assimetrias regionais criando estruturais sociais que possam justificar o crescimento económico levando em consideração a diversificação da economia, não se fixado principalmente na exploração exacerbada dos recursos naturais.

A modernidade em Angola é concebida como o consumo excessivo de produtos importados, tecnologias de ponta, conhecimentos científicos, manufacturados, os quais encarecem sistematicamente o custo de vida interno. A modernidade concebida desta forma passa a ser a imitação de estilo de vida do ocidente de modo a se equipar aos países industrialmente avançados os considerados desenvolvidos, os quais levaram 200 anos para desenvolver-se e modernizar-se a custa da exploração dos recursos naturais e de mão-de-obra barata dos países considerados subdesenvolvidos, antigas colónias. Segundo (RODNEY, 1975,p.26), o subdesenvolvimento que escandaliza o mundo é produto da exploração capitalista, imperialista e colonialista, hoje revestido num processo neocolonial.

O objectivo do trabalho é fazer uma incursão sobre as relações socioambientais existentes na aldeia de Fútila e Vila de Buco Zau fruto de interferências exógenas das empresas exploradoras que compartilham o mesmo território, os primeiros como habitantes do território e os segundos como exploradores de recursos naturais.

A pergunta colocada consiste em saber, como essas empresas contribuem para o desenvolvimento dessas aldeias quando Angola vive um grande apelo para a modernidade e desenvolvimento dos país no pós guerra civil?

Para o acesso as informações contou-se com trinta interlocutores entrevistados, e três responsáveis das empresas que actuam neste territórios. Contou-se também com registos fotográficos e observação directa, conversas, e análise de conteúdo de relatório das políticas governamentais do país e informações de meios de comunicação abarcando o período de 2002 a 2010. Para efeito de preservação da identidade real dos interlocutores foram a eles atribuídos pseudónimos. Neste artigo especificamente trabalhou com N'zau, Macinga e Zola, Muila, Tzaca e representante A, B e C da Chevron, Mabilia, Biuoco.



A aldeia de Fútila e a Vila de Buco Zau, situam-se na província de Cabinda. Cabinda é uma das 18 províncias de Angola conhecida por suas potencialidades e sendo uma das mais importantes, situando-se ao Norte do país com uma superfície de 7.300km<sup>2</sup> e população estimada em 500.000 mil habitantes, conhecida como enclave por estar geograficamente destacada de Angola fruto do redesenhamento das fronteiras da África na Conferência de Berlim. Faz fronteira no Nordeste com a República do Congo, ao Leste e Sul pela República do Congo Democrático e ao Oeste pelo Oceano atlântico.

Historicamente, a região de Cabinda é constituída pela etnia Bakongo, originaria da actual Mbanza Kongo (antiga Kongo-Dia-Ntotela), provenientes do reino do Kongo e são subdivididos em Bawoio, Bakuakongo, Bakoki, Bavili, Balinge, Baiombi, e Bassundi, cujas as línguas faladas são do tronco comum, do kikongo. A língua portuguesa como a língua do colonizador que se tornou a língua abrangente. Sua importância económica consiste no fato de ser considerado a maior fonte de extracção de petróleo e por concentrar a maior floresta de Angola.

Fútila situa-se na área de exploração de petróleo e Buco Zau na área de exploração de madeira. De forma a míngua praticam ainda as seguintes actividades oriundas do saber ancestral: a pesca artesanal, agricultura familiar, extratevismo, a caça, criação de animais, etc. A gastronomia é a base de batata-doce, mandioca e seus derivados, banana, peixe, carne de caça, vários tipos de vegetais. Algumas práticas da medicina tradicional, a prática do alambamento conhecido como casamento tradicional, e alguns ritos de iniciação, são elementos que fazem parte da cultura. Quanto a Religião Fútila é predominantemente Católica e a Vila de Buco Zau, predominante protestante. A análise das relações e influências da modernidade levou a constatação de atingirem com maior dimensão os aspectos socioculturais e ambientais.

## **2. A INFLUÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS**

A modificação social nas populações da aldeia de Fútila e da vila de Buco Zau está ligada com as mutações ocorridas dentro do contexto destas populações que formam essa sociedade. Na visão de Horkheimer & Adorno (1956, p. 25)

Sociedade é como uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem excepção; na qual o todo só



pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes.

Tensões existentes entre as populações da aldeia de Fútila e Vila de Bucu Zau com as empresas exploradoras pela disputa do mesmo território uns para exploração dos recursos naturais e outros para a sobrevivência, as populações vêm o seu contexto a ser modificado o que tem provocado um êxodo rural muito forte e suas praticas ancestrais mutiladas, fazendo com que as trocas comerciais antes feitas entre si, aconteçam na cidade sede da província de Cabinda por concentrar um fluxo maior de consumidores.

Das petrolíferas e das empresas madeireiras, não existem acções que possam favorecer as populações a valorizar, perpetuar e transmitir os seus saberes que resultem, de um modo de enfrentamento que seria significativo na sua sub-existência. A interferência múltipla desse mundo externo que concentra a sua fixação na exploração dos recursos naturais, com regras desconcebidas, ameaça sistematicamente essas populações, o meio ambiente e a manutenção da sua contextura.

Na vila de Bucu Zau onde se prática à caça e às outras actividades extractivistas, cada dia se torna difícil de se praticar esses saberes. Com a devastação da floresta existe a tendência de alguns animais se refugiarem para os lugares mais longínquos das matas à procura de esconderijos. Neste caso, para os caçadores não lhes resta outra alternativa se não percorrer distâncias enormes, para conseguir algum animal.

Enquanto uma parte de espécies animais fogem à procura de melhores abrigos, outras espécies como os elefantes, chegam perto das casas em grandes manadas em busca de alimento. A passagem dos elefantes deixa para trás a destruição de lavras, principalmente as plantações de bananeiras, uma cultura muito usada no Mayombe, uma vez que as lavras são feitas perto das aldeias também denominadas de bualas. Especificamente na Vila de Bucu Zau a disputa pelo território passou a ser em tri partida entre os animais especificamente os elefantes, as populações e as exploradoras.

Estudos feitos por (MILANDO, 2007, p.48), para entender as dinâmicas rurais de Cabinda, especificamente no Bucu Zau, mostraram que os constrangimentos causados pelo tchidzau, isto é, os elefantes, são enormes, pois esses herbívoros, que atravessam frequentemente as propriedades agrícolas dos pequenos camponeses,



deixam rastros de destruição e prejuízos avultados, não sendo permitido o seu abate por serem considerados animais em vias de extinção.

Enquanto os buco zauenses esperam que o governo resolva a questão de invasão dos elefantes, deixando muitas vezes de praticar as actividades agrícolas, as mudanças sobre os saberes culturais nesta vertente se multiplicam com o perigo de se extinguirem, uma vez que não havendo diálogo entre o governo, as empresas madeireiras e os agricultores, esses, em especial a nova geração, vai deixando de fazer a agricultura, fazendo esgotar-se o saber cultural. Como resultado, abre-se espaço para as crises e dificuldades sociais no seio das comunidades. Como disse N'zau, não gosto muito de comer arroz, mas sou obrigado a comer e quase todos os dias, porque, quando os elefantes passam, estragam quase tudo e no momento da colheita não tem quase banana, mandioca e batata que são os acompanhamentos da nossa terra e não o arroz, o arroz é dos estrangeiros.

Quanto à pesca, um dos saberes praticados pelos fútilenses, as tensões provocadas pela exploradora de petróleo são narradas pelos próprios pescadores. Macinga e Zola afirmam que, a actividade de exploração do petróleo afugenta os peixes do nosso mar, porque no momento da prospecção, muitos aquíferos são destruídos por causa das explosões sísmicas afectando a reprodução dos peixes, e somos proibidos de pescar perto das plataformas de petróleo. Isso tudo faz com que os pescadores viagem léguas de distância para pescar e muitas vezes voltam sem peixe. Quando há peixe perto é todo contaminado pelo petróleo.

As acções que conduzem a exclusão das comunidades no processo de desenvolvimento dos saberes culturais da pesca em Fútila, parece ser linear para todos os nativos, na agricultura e na alimentação. As áreas de agricultura ficam distantes. Para efeito, deve-se reembolsar valores para o transporte. Diz Muila que gasta-se muito sem rendimento.

As acções de exploração de petróleo não só modificam o ecossistema marinho dessa localidade. A emissão excessiva de gases do efeito estufa, modificam todo ecossistema, seja na flora marítima, atingindo também a flora terrestre. A cada dia o nível do mar aumenta e as áreas que eram utilizadas para o cultivo se tornaram improdutivas. Neste caso, os agricultores se deslocam para outras aldeias a fim de



exercer a agricultura familiar. Ao se deslocar para outras áreas, já não o fazem caminhando é preciso transporte, e com isso desprendem valores monetários que no somatório, são elevados para custear o transporte que os leva até as localidades de cultivo. Muitas vezes não há dinheiro para fazer essas distâncias, e no final da colheita seus rendimentos são muito insignificativos, havendo só produtos para a sobrevivência imediata. Quando há excedentes nem sempre se consegue levar os mesmos para a cidade para a comercialização, acabando por vezes por degradar.

Em termos de emprego, Angola vive um grave problema de desemprego, isso atinge automaticamente essas populações. Nem o governo, nem as empresas exploradoras, nas suas políticas contemplam essas populações de forma plausível, de modos a atender a questão social, com particularidade para o aumento da renda, saneamento básico, acesso à água potável, luz eléctrica, sistema de transporte rural e abertura de estradas. Dados obtidos revelaram que tanto na comuna Malembo onde Fútila faz parte tanto no município de Bucu Zau, a maior empregadora é o governo através da função pública com menos de 3% contra cerca de 0,90% das empresas privadas, quer sejam petrolíferas, madeireiras ou outras. A maioria absoluta, acima de 95%, se ocupa das actividades ancestrais entre elas, agricultura, pesca, criação de animais.

As informações apresentadas falam por si só, quanto as demandas sobre emprego que ainda são insatisfatórias, se considerarmos a política pública com expressão da postura do poder público em face dos problemas da sociedade e dos diferentes atores que compõem o cenário e sua intenção de dar respostas afeiçãoadas ao papel do Estado na sua relação à sociedade. É bem claro que neste momento de reconstrução nacional são bem nítidas as intenções do Estado em dar resposta ao problemas da sociedade mais ainda sim, os números dizem que a execução das intenções ainda não é satisfatória.

E quanto às empresas sediadas nessas localidades, as suas políticas não apresentam intenções claras em relação à empregabilidade, principalmente das populações que estão sediadas nas suas áreas de exploração. Quando perguntamos às populações, que relações têm com as exploradoras sediadas nessas localidades, foram unânimes em dizer: nenhuma. Por exemplo, diz Muila, que poucos de nós conseguimos



emprego nessas exploradoras porque não temos estudos e não sabemos falar inglês no caso da Chevron. Aqueles que conseguem, recebem muito pouco porque não estudaram muito. Quanto a questão dos estudos que Muila aponta, é bem verdade que um dos pressupostos para garantir um bom emprego nessa era da modernidade e de competitividade, é o letramento, uma condição *Sine Qua Non*. Não se trata de um simples letramento. Trata-se de conhecer mais de uma ou duas línguas, de manejar as novas tecnologias como a informática entre outras, já que o motor do desenvolvimento industrial nessa nossa época tem a sua matriz no pensamento ocidental, cujo conhecimento científico é a via para se alcançar os objectivos preconizados.

Um dos grandes problemas que a população de Fútila vive hoje é a falta desse suporte para concorrer em iguais circunstâncias com os estrangeiros que têm melhores condições para ocupar tais vagas. A exploração de petróleo em Cabinda acontece há quase 50 anos, mas o pólo da Universidade Agostinho Neto, em Cabinda, só chegou em 1998 e a maioria dos cursos são na área de Ciências de Educação Humanas. Embora haja hoje duas universidades privadas que oferecem Informática e Arquitectura, ainda assim, não fornecem os cursos mais solicitados pelas empresas exploradoras quer de petróleo e agro-florestais. O alto índice de analfabetismo ainda assistida até hoje em Angola faz com que o país ocupe ainda, uma das piores colocações no índice de desenvolvimento humano - IDH.

A Chevron, ao não se atentar a esse fato, de modos a agir para que se busquem outras possibilidades de inclusão dessas populações na vida da empresa e mitigar as questões sociais, vai aumentando o clima de tensão no território.

Diante dessa realidade procuramos saber da empresa da Chevron, como entidade exploradora de petróleo que tipos de projectos sociais possui, e como garante a tranquilidade das pessoas que vivem nestas áreas de exploração. O representante (A) da Chevron afirmou que, embora tenhamos projectos sociais para contribuir com o desenvolvimento das comunidades principalmente as sediadas nas nossas áreas de exploração, essa é uma tarefa exclusiva do governo porque nós não podemos substituir o governo. Por outro lado, a exploradora já paga a taxa de licença ao governo, e, cabe ao governo implementar as políticas públicas que garantam a sobrevivência saudável para



essas populações, como luz eléctrica, água, saúde, educação, saneamento básico entre outros.

O depoimento do responsável “A”, deixa claro que a grande responsabilidade do desenvolvimento social das populações dessas aldeias é do governo e não da exploradora por pagarem taxas de licença de exploração. Por isso, os seus projectos se limitam à acções que apesar de serem entendidas como sendo de responsabilidade social, dão respostas consistentes àquilo que seria considerado benefícios sociais duradouros. Entende-se, então, que, apesar de haver uma avaliação de impacto ambiental, as acções de mitigação não traduzem de forma concreta as políticas públicas que possam servir para a mitigação das necessidades substantivas dessas aldeias.

O representante “B”, questionado, diz que, na Chevron os projectos sociais existem desde 1992. São projectos de responsabilidade social cooperativa da empresa. Estes projectos existem para garantir a licença para operar com maior propriedade. São escolas, centros de saúde, pontos de obtenção de água potável, cobertura de bolsas de estudos, programas de distribuição de redes mosquiteiros, medicamentos, materiais escolares, cooperação com entidades do Estado, como a educação, no patrocínio de programas como o ‘Aprende Brincando’ que é transmitido na Estação Provincial da Rádio Nacional de Angola entre outros. Quanto ao emprego a Chevron recruta o pessoal consoante às necessidades.

O processo de acesso é através de testes. Os que preencherem os requisitos entram. Só que temos que admitir que a demanda é maior do que as vagas. Os salários variam de escalão para escalão. Acrescenta o representante B, que esses salários não podem exceder ao do presidente da República.

Os salários praticados pela Chevron estão ligados ao nível de formação dos trabalhadores, o que significa dizer, quanto menos a formação menor é o grupo salarial, como aponta Muila: *Aqueles que conseguem, recebem muito pouco porque não estudaram muito.* Como o nível de formação da população da aldeia de Fútila é consideravelmente baixo, as possibilidades de emprego são poucas e quando conseguem são enquadrados em muito baixo salarial. As questões sociais, vividas pelas populações



de Fútila e Buco Zau, possuem outro motivo de preocupação, relacionada com as gerações futuras. Os riscos ambientais.

### 3. OS RISCOS AMBIENTAIS

Quanto ao petróleo, desde a prospecção, extração, transportação, refino e no momento de combustão, em todas essas fases o lado nocivo deste mineiro sobre a flora e a fauna marítima é explícita. Essas fases desembocam nas possibilidades do derrame do petróleo, dos perigos que advém da contaminação dos resíduos da refinaria, e a emissão na atmosfera do gás natural e o dióxido de carbono, que são considerados gases de efeito estufa. Em suma, há um impacto ambiental que interfere nas actividades culturais dessa localidade. Áreas contêm verdes, observa-se neste momento uma modificação da vegetação.

A prospecção petrolífera é um processo que acontece para detectar áreas onde há possibilidades de encontrar reservas de petróleos no mar. Dependendo do projecto de prospecção ela pode acontecer no período de 40 a 60 dias, 24 horas por dia. São utilizados canhões de ar comprimido que geram sons de elevada energia no fundo do mar. Estas ondas sonoras penetram no fundo do mar e, nas interfaces entre os diferentes tipos de rochas que voltam a reflectir sobre a superfície equipada de tecnologias próprias para a detenção ou não da reserva. Este barulho do som e a interferência nas rochas fazem com que a fauna marítima se desloque para outros locais.

Caso se encontrem as reservas, poços são abertos, e começa a exploração. Nesse processo de exploração, via de regra, acontecem derrames sucessivos, ainda que sejam de menor dimensão ou amplitude. Estudos feitos pela IPIMAR por solicitação do Centro de Investigação Pesqueira de Angola determinaram os níveis de hidrocarbonetos alifáticos, isoprenoides maioritários e hidrocarbonetos aromáticos policíclicos em peixes, moluscos, sedimentos e água recolhida na zona costeira de Cabinda incluindo a Costa de Fútila.

Estes estudos concluíram que os seis hidrocarbonetos aromáticos policíclicos mais perigosos em termos de saúde humana, o benzo [b] fluranteno, benzo [k] fluranteno, (benzo [&] pireno, dibenzo [&,h] antraceno, benzo[ghi]perileno, indeno [1,2,3-cd] pireno) não foram detectados nos organismos analisados ou aparecem em concentração muito baixa. Se eles aparecem em concentração baixa quer dizer que



existe a contaminação. Em geral as consequências da contaminação são morte de peixes, longos períodos de proibição da pesca e de consumo de peixe vindo da costa.

O curioso é que, após os derrames, os estudos feitos sempre apresentam as mesmas conclusões sem, portanto levar em conta os riscos daí decorrentes (BECK, 2001). Em cada derrame há impacto nos saberes culturais, na pesca, visto que, as actividades dos pescadores de Fútila são interrompidas, mutilando assim, os valores produtivos dessa sociedade. Este impacto não só desfavorece a fonte produtiva e de sobrevivência mas também altera todo um ciclo de transmissão de seus saberes às novas gerações, por isso há o sentimento de renúncia desses valores na parte dos mais jovens por falta de espaço de articulação. Assim vai se esgotando uma fonte de aplicação de saberes culturais que resultam na sobrevivência dessas populações, para os enfrentamentos das situações impostas pela modernidade concebida como a única forma de desenvolvimento de uma sociedade até então.

Ainda que a biota marítima seja renovável, a sua contaminação sistemática implica no não uso dela por implicar danos à saúde humana, danos que podem ser de curto, médio ou longo prazo, visto que, nem sempre o resultado da contaminação de produtos químicos em seres humanos é mediático. Essas pequenas porções que os estudos consideram não danosos aos seres humanos. A cada consumo, podem-se depositar em pequenas porções até taxa que poderão colocar em perigo a vida humana (BECK, 2001).

A actividade da exploração de petróleo na zona de Fútila é feita em águas profundas. Evidências têm mostrado que desde a prospecção até o produto final existem impactos ambientais. Não foi possível quantificar o número de prospecções feitas nos últimos 8 anos, porque são informações inacessíveis por serem consideradas de uso privado da empresa. Porém, neste período acompanhou-se três consultas públicas para novas prospecções por parte da Chevron cujo discurso afirmava que tudo esta acautelado para evitar mudanças no território.

Quanto aos derrames, segundo Tzaca, confirmando informações que obtivemos, durante o período em questão, foram notificados mais de 5 derrames, sendo os mais agressivos, o de 2 de Maio de 2007 pelas 22 horas ocorrida no campo de tacula do Bloco-0 e o de 28 de Fevereiro de 2006. Agressões que modificam o espaço físico e

as actividades tradicionais, colocando em risco a vida dessas pessoas, privadas de exercer as actividades como a pesca de forma directa, e a agricultura de forma indirecta, duas fontes de sobrevivência na aldeia de Fútila.

Tzaca diz: Porque existe muito risco, hoje para exercer por exemplo a pesca e o cultivo, nós que pescamos somos proibidos a fazê-lo perto das plataformas e no mais, já não há muito peixe no nosso mar. Precisamos ir muito distante para pescar e muitas das vezes, o mesmo peixe encontra-se afectado pelo petróleo. Nas lavras, a produção seca e tem que se pagar dinheiro para ir fazer lavras em outras localidades mais distantes. Gasta-se muito e na maioria das vezes sem rendimento.

Essa realidade e fazendo prova das palavras de Tzaca, principalmente no que consiste à área de exploração e de localização das sondas petrolíferas em Cabinda pode-se constatar que, praticamente toda costa marítima de Cabinda encontra-se tomada de plataformas petrolíferas.

Quanto à falta de peixe, os derrames que são frequentes, e que são ocasionados no momento da transportação e da exploração do petróleo, produzem como consequências a mortandade de peixes, contaminação da água e da praia (Ilustração 1), destruição das redes de pescadores, interdição da pesca por longos dias, entre outras mudanças ambientais derivadas da queima de gás, mediante a emissão de CO<sub>2</sub>.

A ilustração 1, obtida de Benjamim, que acompanhou um dos derrames de petróleo é a prova inequívoca de que a exploração petrolífera tem provocado um enorme impacto ambiental negativo para as comunidades da costa marítima de Cabinda, com destaque para os da aldeia de Fútila.

Segundo (ALIER, 2009.p.151) esse gás é considerado um dos carros-chefes do efeito estufa e grande vilão do aquecimento global. Pode ser também considerado como um dos vectores do fenómeno de queima nos cultivos nas lavras e que, Tzaca diz poder estar relacionado com as altas temperaturas e ao excesso de concentração de CO<sub>2</sub> no ambiente.



Ilustração 1 – Morte de peixe e praias atingidas pelo derrame de petróleo - Baía de Malembo. É da espécie de corvina

Fonte: Acervo de BENJAMIM (2007)

Em termos de preservação do ambiente, a empresa Chevron ainda não detém políticas claras para o efeito. Segundo o responsável C, na apresentação do projecto de conservação da natureza da Chevron, pode-se perceber que o mesmo deu o seu início em 2003 através de uma acção de criação de recifes artificiais para reprodução dos peixe.

É notório que esse recife artificial era uma antiga plataforma que havia ficado inutilizada. Hoje o projecto se resume em monitorização de tartarugas marinhas que chegam as suas zonas de exploração. Outra acção acontece sempre que as populações são atingidas com o derrame de petróleo, através de compensação com alguns valores ou restituição de instrumentos de pesca.

Essa política conservacional é comum na maioria das empresas exploradoras, principalmente nos países chamados em via de desenvolvimento. A falta de políticas correctivas da parte do governo faz com que essas exploradoras não assumam de forma concreta as suas responsabilidades ambientais. Um dos maiores derrames assistidos em Cabinda foi o que ocorreu na comunidade de Malembo e atingiu toda costa de Malembo onde Fútila faz parte. Com a interferência, mudou-se a vida dessa comunidade. Não só peixes, praias e água tinham sido atingidos. Também vidas humanas foram afectadas com enfermidades, mudança da dieta alimentar etc. Não foi necessário fazer análises laboratoriais para constatar que os níveis de hidrocarbonetos

alifáticos e aromáticos tinham sido altíssimos ocasionando danos de várias ordens de dimensão ambiental.

Embora a Chevron desse alguma indemnização para essas populações, acredito que a sua estrutura social e cultural, não foi resposta e será difícil de ser resposta visto que o valor simbólico do mar vai além de indemnização. A transformação atinge a contaminação e as restrições à pesca. Quando Tzaca diz que, *precisamos ir muito distante para pescar*, significa dizer que com todas essas interferências, incluindo a escassez de peixe na costa marítima de Cabinda, ele expressa e confirma a informação presente nos relatórios do Instituto Nacional de Pesca Artesanal - IPA de 2002 a 2008 (IPA, 2008). Segundo esses relatórios, o total do pescado fornecido por todas as associações de pescadores de pesca artesanal em Cabinda não chega a uma tonelada por ano (Quadro 1).

Observando os dados apresentados, comprova-se que, cada ano que passa, a captura do pescado tende a diminuir consideravelmente constatando-se uma baixa considerável no ano de 2008. Esses anos foram acompanhados de intensas actividades de exploração na costa marítima como já havia se referido. Na oralidade das populações, afirmam que tem havido uma grande diminuição, considerando que em outros momentos o peixe era capturado à beira-mar sem necessidade de ir-se distante. Embora o governo da Província de Cabinda tenha anunciado propostas, estratégias e acções para o relançamento da actividade pesqueira entre as associações, incluindo a construção de uma ponte, um cais pesqueiro em Cabinda e projecto de capacitação de pescadores artesanais de 2002 a 2004, essas acções ainda não tiveram a sua execução.

Ano	Captura de pescado na pesca artesanal em (Kg)
2002	899.771
2003	898.521
2004	819.596
2005	635.275
2006	373.325
2007	455.552
2008	220.925

Quadro – 1 - Capturas do pescado em Cabinda na Pesca  
Artesanal de 2002 a 2008

Fonte: ANGOLA/IPA (2008).

Quanto à exploração florestal, embora algumas vezes afirmam que a floresta ainda não foi manejada o suficiente, é bom ressaltar que já existem algumas espécies em extinção. Se já existe extinção, significa dizer que a acção do homem sobre a floresta já é significativa. Mabiala afirma que já não se tem o cuidado que se tinha antigamente. Com a utilização dos instrumentos modernos arrastam-se todo o tipo de espécie que por sua vez não é aproveitada.

Quanto à caça, o palmar, a lavoura, o extrativismo, que são as práticas do Buco Zau, segundo Nzau, tornou-se difícil a sua manutenção. Os elefantes invadem as lavras, em busca de comida e destroem tudo principalmente as bananeiras. As empresas madeireiras cortam tudo na hora de extrair madeira. Os animais fogem para mais longe.



Ilustração 2 – Áreas devastadas e transporte de madeira extraída – Buco Zau

Fonte: Acervo CANGA, J. (2009)

Aí reside uma das ignorâncias ecológicas que Buza, Tourinho & Silva (2006) se referem nos seus estudos. A cada dia são abatidas e transportadas toras e toras de madeiras deixando grandes áreas devastadas como se observa na Ilustração 2. Segundo dados do IDF - Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF, 2008), no período de 2002 a 2008 foram extraídos 28.788,00 m<sup>3</sup> de madeira e plantados 2,70 hectares, o que apresenta de forma clara a progressão deste fato. Pelos dados aqui



apresentados, não existe um projecto de reflorestamento preciso, por parte do IDF nem por parte das empresas exploradoras para a regeneração da floresta. Um projecto de reflorestamento bem concebido daria possibilidades de empregar os nativos que estão em busca de emprego.

A outra ignorância ecológica está ligada à desvalorização de um conjunto de significados tradicionais que a floresta tem com relação às populações da Vila de Bucu Zau. Um significado que vai além da exploração. Quando Biuoco diz: “Cortam tudo na hora de extrair” significa dizer que existe um desrespeito em relação à floresta na hora de corte. Deveria existir toda uma atenção para preservar as espécies daquele ecossistema, como as plantas medicinais, que muitas populações recorrem para uso fitoterapêutico, as plantas que dão vários frutos silvestres. Observa-se uma predominância do extrativismo muito forte. A pecuária se destaca com o gado caprino. Em síntese, as mudanças nas duas aldeias são alarmantes, e os projectos ambientais existentes não atendem o objectivo de mitigar as transformações causadas. Essa observação é reconfirmada pelo fato de não ser aplicada a obrigatoriedade da avaliação do impacto ambiental uma exigência, já legislada e regulamentada no ordenamento jurídico angolano.

#### **4. CONCLUSÕES**

Conclui-se que a interferência das exploradoras na aldeia de Fútila e Vila de Bucu Zau, além de provocar as mudanças profundas no contexto dessas populações criou novos territórios hoje considerados degradados. O apelo ao desenvolvimento, não alcança ainda as áreas consideradas fornecedoras de matéria-prima que eleva o índice de crescimento económico do país e que, é muitas vezes confundida de desenvolvimento.

A modernidade chega à essas duas áreas em forma de produtos que consomem. Falta ainda, de forma eficiente, a sincronização entre o índice de crescimento económico e o desenvolvimento humano.

A exploração dos recursos que é feita por essas empresas, modifica o ecossistema o que resulta em tensões existentes entre as empresas exploradoras nas duas áreas de pesquisa.

Constatou-se que as transformações ali identificados e relacionadas à exploração dos recursos naturais podem ser agrupadas em influências e mudanças sócio



ambientais, podendo ser de ordem cultural, com a negligência dos saberes tradicionais, das línguas nativas, alteração da dieta alimentar, ritos, usos e costumes; de ordem social com o surgimento do desemprego e carências sociais básicas; ordem ambiental, com os constantes derrame de petróleo e o desmatamento; e os aspectos de ordem política especificamente na ausência de políticas públicas que amparem essas populações.

## 5. REFERÊNCIAS

IDF. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL; **Relatório de extracção de madeira de 2002 a 2008**. Cabinda: 2008.

IPA: INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DA PESCA ARTESANAL; **Relatório de actividades desenvolvidas de 2002-2008**. Cabinda 2008.

ALIER, J. M.; **O Ecologismo dos Pobres: conflitos ambientais e linguagens de Valoração**. Tradução de Maurício Waldman. Ed.Contexto, São Paulo: 2009.379p.

BUZA, A.; TOURINHO, M.; SILVA, J.; Caracterização da colheita florestal em Cabinda. **Revista de Ciências Agrárias**. Nº 45, Janeiro/Junho, Belém: p.59 – 78, 2006.

BECK, U. ; **La Societé du Risque: sur la voie d'une autre modernité**. Paris: Alto: Aubier, 2001.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W.;**Temas Básicos de Sociologia** (tradução de Álvaro Cabral). São Paulo: Cultrix, 1956.

MILANDO, J. O; **Desenvolvimento e Resiliência Social em África: Dinâmicas Rurais de Cabinda**. Lisboa: ed. Periploi, 2007.159p.

RODNEY, W.; **Como a Europa Subdesenvolveu a África**. Lisboa. Seara Nova, 1975.312p.